

PRIMEIRA PARTE

A Donzela

I

Certa tarde, em fins de maio, um homem de meia-idade caminhava em direção a casa, vindo de Shaston rumo à aldeia de Marlott, no adjacente Vale de Blakemore, ou Blackmoor. O par de pernas que o arrastava parecia pouco firme, e na sua maneira de andar notava-se um desequilíbrio que o fazia desviar um pouco os seus passos para a esquerda ao longo de um trilho a direito. De quando em vez, o homem acenava repentinamente com a cabeça, como se mostrasse a sua concordância com um qualquer ponto de vista, se bem que na altura não estivesse a pensar em nada em particular. Do seu braço pendia uma cesta de ovos vazia, trazia o chapéu amachucado, e, ao fazer o gesto de o tirar da cabeça, levou o polegar ao remendo já muito gasto junto à aba. Passados instantes, cruzou-se com ele um pároco já idoso, montado numa égua cinzenta, que ia cantarolando entredentes e algo distraidamente uma cançoneta à medida que prosseguia caminho.

“Uma boa tarde para vossemecê”, disse o homem da cesta.

“Boa tarde, *Sir John*”, respondeu o pároco.

Após alguns passos, o pedestre deteve a sua marcha e voltou-se para trás.

“Ora, meu caro senhor, se me dá licença: a gente viu-se nesta mesma estrada, por volta desta hora, no último dia de mercado, e eu disse ‘Boa tarde’, e vossemecê respondeu ‘Boa tarde, *Sir John*’, tal como aconteceu agora.”

“É verdade”, disse o pároco.

“E antes disso aconteceu o mesmo... há cerca de um mês.”

“É bem possível, sim.”

“Então, o que pretende vossemecê com essa história de me tratar por ‘*Sir John*’ em todas essas ocasiões, quando todos me conhecem simplesmente como Jack Durbeyfield, o vendedor ambulante?”

O pároco aproximou-se um pouco mais com a sua égua.

“Foi só um pequeno capricho da minha parte”, acabou então por dizer; e, após hesitar um pouco, acrescentou: “Foi por causa de uma descoberta que eu fiz há uns tempos, enquanto andava à procura de antepassados que pudessem figurar na nova história do condado. Sou o pároco Tringham, antiquário, natural de Stagfoot Lane. Com que então não sabe, Durbeyfield, que você é o sucessor direto da antiga e nobre família dos D’Urbervilles, que por sua vez são descendentes de *Sir Pagan D’Urberville*, esse ilustre cavaleiro que veio da Normandia com Guilherme, o *Conquistador*, conforme consta na Crônica da Abadia de Battle?”

“Nunca ouvi falar em tal coisa, senhor!”

“Bom, mas é verdade. Levante um pouco o queixo, de forma que eu consiga observá-lo melhor de perfil. Sim, não há dúvida de que é o nariz e o queixo dos D’Urbervilles, ainda que um pouco adulterados. O seu antepassado era um dos doze cavaleiros que acompanharam o Lorde de Estremavilla, na Normandia, aquando da conquista de Glamorganshire. Gerações inteiras da sua família foram suseranos de vários feudos espalhados por toda esta parte de Inglaterra; os seus nomes constam nos grandes anais do tempo de Estêvão de Inglaterra. Durante o reinado de João de Inglaterra, um deles era já suficientemente rico para ceder um feudo à Ordem dos Cavaleiros Hospitalários; e no reinado de Eduardo II de Inglaterra, o seu antepassado Brian chegou a ser convocado em Westminster para tomar parte no grande Concílio que aí se realizou. Seguiu-se depois um período de certo declínio na sua linhagem, aquando da liderança de Oliver Cromwell, ainda que sem consequências de maior, e no reinado de Carlos II de Inglaterra os seus antepassados foram ordenados Cavaleiros da Ordem de Royal Oak, devido à vossa lealdade. Acredite, entre os da vossa estirpe não tem faltado gerações de *Sir Johns* ao longo da história, e, se os títulos de cavaleiro fossem hereditários, como a dignidade de baronete, que era o que na prática acontecia em tempos de outrora, quando os homens eram ordenados cavaleiros por via da descendência, de pai para filho, hoje em dia você seria *Sir John*.”

“Na’ me diga!”

“Resumindo”, concluiu o pároco, fazendo estalar a chibata no joelho com um gesto decidido, “difícilmente se poderá encontrar linhagem idêntica em toda a Inglaterra.”

“Macacos me mordam, se não é mesmo verdade...”, disse Durbeyfield. “E eu que tenho andado a vaguear por aqui ao deus-dará, ano após ano, dum lado para o outro, como se não passasse do indivíduo mais vulgar deste lugarejo... Ora diga-me, pároco Tringham: há quanto tempo se sabem estas coisas a meu respeito?”

O clérigo explicou-lhe que, tanto quanto conseguira averiguar, todas aquelas informações haviam caído no esquecimento, e naqueles tempos não se podia dizer que alguém soubesse algo a esse respeito. Ele próprio tinha começado a investigar o assunto na primavera anterior, bem como a inteirar-se das vicissitudes da linhagem dos D'Urbervilles, quando certo dia reparara no nome de Durbeyfield na carroça do vendedor ambulante, e em consequência disso decidira-se a procurar informações acerca do pai e do avô deste, até que já não lhe restasse qualquer dúvida sobre o assunto.

“Ao princípio, estava decidido a não perturbá-lo com informações tão inúteis como estas”, disse ele. “Ainda assim, às vezes os nossos impulsos revelam-se demasiado fortes em comparação com o nosso discernimento. Ocorreu-me que talvez você já estivesse a par de algumas destas coisas.”

“Bom, a verdade é que já por uma ou duas vezes me tinha chegado aos ouvidos que a minha gente chegou a ver melhores dias antes de ter posto os pés em Blackmoor. Mas nunca liguei muito a isso, até porque achava que se noutros tempos éramos donos de dois cavalos, hoje em dia só tínhamos um e ponto final. Tenho lá em casa uma velha colher de prata e um selo antigo gravado em lacre; mas, meu Deus, o que valem afinal uma colher e um selo?... Só de pensar que eu e esses nobres dos D'Urbervilles sempre fomos carne da mesma carne, sangue do mesmo sangue... Dizia-se por aí que o meu bisavô tinha os seus segredos, que não gostava de falar das origens dele... Ora diga-me, pároco, onde é que assentámos arraiais, se é que não se importa que eu lho pergunte? Onde é que vivem hoje os D'Urbervilles?”

“Não vivem em lado nenhum. Estão extintos, vocês... isto é, enquanto linhagem do condado.”

“Más notícias.”

“Sim; é o que as falaciosas crônicas de família designam como a extinção da descendência masculina, isto é, o declínio ou a deterioração das gerações.”

“Sendo assim, onde jaz a nossa gente, afinal de contas?”

“Em Kingsbere-sub-Greenhill encontram-se fileiras e mais fileiras de jazigos com os vossos antepassados, mais as respetivas efígies, debaixo de abóbadas de mármore de Purbeck.”

“E onde se podem encontrar as grandes mansões e propriedades da nossa família?”

“Não existem.”

“Como?! Nem umas quantas propriedades?”

“Nada; ainda que noutros tempos as tivessem em abundância, tal como já lhe disse, até porque a sua linhagem tinha muitas ramificações. Só neste condado onde estamos, a sua família tinha uma propriedade em Kings-

bere, outra em Sherton, mais uma em Millpond e outra ainda em Lullstead, para não falar da que tinham em Wellbridge.”

“E será que alguma vez nos será restituído o que chegou a ser nosso?”

“Ah... A isso é que já não sei responder!”

“O que me aconselha então a fazer a esse respeito, meu caro senhor?”, perguntou Durbeyfield, após uma breve pausa.

“Oh... nada, nada; ou melhor, aconselho-o a ter a humildade de meditar em ‘como caíram os poderosos’. Trata-se tão-só de um facto com algum interesse para o historiador e para o genealogista de uma povoação, nada mais do que isso. Existem várias outras famílias entre os aldeões deste condado igualmente ilustres. Boa tarde.”

“Porque não dá meia-volta e vem tomar uma garrafa de cerveja comigo para celebrarmos a sua descoberta, pároco Tringham? No The Pure Drop servem uma cerveja ótima... ainda que, para dizer a verdade, não seja tão boa quanto a do Rolliver.”

“Não, obrigadinho, esta tarde não, Durbeyfield. Acho que já bebeu o suficiente.” Ao proferir estas últimas palavras, o pároco prosseguiu caminho montado na sua égua, não deixando de considerar com algumas reservas o ímpeto que o havia levado a divulgar aquela pequena curiosidade local.

Depois de o outro ter partido, Durbeyfield deu alguns passos com um ar absorto e sonhador, e depois acabou por sentar-se à beira da estrada, no meio das ervas, largando a cesta à sua frente. Passados poucos minutos, assomou um jovem à distância, caminhando na mesma direção em que Durbeyfield seguia. Este, ao ver o jovem, ergueu a mão, e o rapaz estugou o passo e acercou-se dele.

“Eh, moço, leva-me esta cesta! Preciso que me faças um recado.”

O jovem, que era magro como um pau de virar tripas, franziu o sobrolho. “Afinal de contas, quem és tu, John Durbeyfield, para me dares ordens e me chamares ‘moço’? Sabes muito bem qual é o meu nome, tal como eu sei o teu!”

“Ah, sabes, de certeza? Esse é que é o segredo... a verdadeira chave de tudo! Agora vê lá se me obedeces e se tomas atenção ao recado que te vou dar... Ora, Fred, eu cá não me importo de revelar o meu segredo: sou de raça nobre — tomei conhecimento disso precisamente esta tarde.” E enquanto declarava a novidade em voz alta, abandonando a sua posição sentada, Durbeyfield optou por estender-se com grande fausto nas ervas da margem da estrada, no meio das margaridas.

O rapaz ficou especado diante de Durbeyfield, contemplando-o da cabeça aos pés.

“*Sir* John D’Urberville... é precisamente quem sou”, continuou o homem estendido no chão. “Quer dizer, isto se os cavaleiros fossem barone-

tes... o que na realidade não deixam de ser. Tudo a meu respeito pode ser encontrado nos anais da história. Por acaso nunca ouviste falar de um lugar chamado Kingsbere-sub-Greenhill, rapaz?”

“Sim. Já fui à feira de Greenhill.”

“Bom, debaixo do chão da igreja dessa cidade jazem...”

“Não é uma cidade, o lugar a que me refiro. Pelo menos não era na altura em que estive lá... não passava de um lugarejo, uma autêntica parvónia.”

“Esquece lá o lugar, rapaz, não é essa a questão que mais importa para o caso. Debaixo da igreja dessa paróquia jazem os meus antepassados — centenas deles, nas suas cotas de malha, cheios de joias, dentro de grandes urnas funerárias de chumbo, daquelas que pesam toneladas. Não há vivalma no condado de Wessex do Sul que guarde na sua família ossadas mais nobres e distintas do que eu.”

“Sim?”

“Agora pega lá nessa cesta e segue diretamente para Marlott, e quando chegares à taberna The Pure Drop, diz-lhes que me façam chegar imediatamente um cavalo e uma carruagem para me levarem a casa. E eles que tragam também no fundo da carruagem uma garrafinha de rum, podem pô-la na minha conta. E quando tiveres feito isso, vai até à minha casa com a cesta e diz à minha mulher que deixe de uma vez por todas de lavar toda aquela roupa, até porque já não precisa de acabar o serviço, e que espere até eu chegar a casa, pois tenho novidades para lhe contar.”

Ao ver que o rapaz não abandonava a sua pose hesitante, Durbeyfield levou a mão ao bolso e retirou um dos xelins que lhe restavam, essa parca quantia que sempre transportava consigo.

“Aqui tens a tua recompensa, rapaz.”

Este gesto fez uma diferença substancial na forma como o jovem passou a avaliar aquela incumbência.

“Certo, *Sir John*. Obrigadinhos. Há mais alguma coisa que possa fazer por si, *Sir John*?”

“Quando chegares lá a casa, diz-lhes que para o jantar vou querer... bom, miúdos de borrego, se conseguirem arranjar; caso contrário, pode ser uma morcela; e se não conseguirem arranjar isso, muito bem, umas linguças também marcham.”

“Muito bem, *Sir John*.”

O rapaz pegou na cesta, e, ao partir, soaram as trombetas de uma banda filarmónica, uma sequência de sons que provinha dos lados da aldeia.

“O que é isto?”, disse Durbeyfield. “Será que é por causa de mim?”

“É o clube de passeio das mulheres, *Sir John*. Ora, até a sua filha faz parte do grupo.”